

A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA ENTRE OS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Eronilson Mendes De Sousa (1); Júlio Cesar Meneses (2) Osiane Fernandes Do Vale De Sousa (3); Orientadora: Leila Do Socorro Rodrigues Feio (4).

Instituto De Educação Superior Latino Americano. E-mail: atendimentoaosaluno@iesla.com.br

Universidade Federal Do Amapá. E-mail: jc2022@ig.com.br

Centro Universitário Uninter: E-mail: kaueevitoria.familia@gmail.com

Universidade Federal Do Amapá. E-mail: leilarodriguesfeio@gmail.com

RESUMO

Esta investigação científica tem como tema de pesquisa: A prática da Violência homofóbica entre os alunos de uma Escola Pública, com o objetivo Estudar a violência homofóbica, suas causas e consequências na vida dos atores envolvidos, na escola Sônia Henriques Barretos- Laranjal Do Jari-ap. Porque esses problemas afetam o contexto escolar em diversos aspectos, tais como: as relações interpessoais em salas de aula, nas famílias e no seio social, que prejudica o processo de ensino e aprendizagem, socialização, acesso a cultura e formação do cidadão (a). Por isso precisamos de uma escola comprometida com a cultura da paz, que enfrente os desafios de nossa época, trabalhando as questões que atravessam a sociedade contemporânea. Nessa perspectiva o nosso cenário escolar precisa ser analisado levando em consideração os indicativos de problemas e a necessidade de transformação educacional. Haja vista, que os instrumentos que vem sendo utilizados como regulação social e repressão em forma de punição escolar sem uma conscientização e orientação adequadas se mostraram pouco efetivos e inconsistentes pedagogicamente. Para o desenvolvimento deste projeto, inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica para entender teorias que abordassem sobre a temática em questão. A bibliografia estudada serviu de instrumento para que entendêssemos os motivos que levam aos casos de violência homofóbica e as consequências para as vítimas. A Metodologia de pesquisa foi através de pesquisa participante onde os pesquisadores observaram cotidianamente o ambiente escolar, através de pesquisa nos livros de registro da escola, relatórios e entrevista com os alunos vítimas e agressores da violência homofóbica. Dado o exposto, entende-se que o fenômeno da violência é amplo, histórico, cultural, complexo e envolve várias dimensões, dentre elas, a violência homofóbica, praticada contra pessoas que não se enquadram no modelo social padrão de sexualidade, a heterossexualidade. Desta forma, qualquer ser humano que não se enquadra no “jeito” aceitável de ser “homem” e “mulher”, tende a sofrer a violência homofóbica.

Palavras-Chave: Violência, Homofobia, Preconceito, Educação.

INTRODUÇÃO

Segundo Borrillo (2015), a homofobia é a atitude de hostilidade contra os/as homossexuais, sejam homens ou mulheres. Mas, a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto. Pois a homofobia é arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado à distância, fora do universo comum dos outros seres humanos.

Nesta perspectiva, desenvolvemos o referente estudo para entender e socializar uma compreensão sobre o fenômeno da violência em especial a violência homofóbica dentro da escola. Para tanto, precisamos compreender que a sociedade brasileira é violenta em consequência da sua estrutura machista. Uma das causas fundamentais da violência é sua banalização nos meios de comunicação em massa e no cotidiano escolar. Propícios ao sistema capitalista que gera alienação, comodismo, irresponsabilidade, insensibilidade, nenhuma solidariedade com o próximo levam as pessoas a ignorar que tais problemas existem ou a fingir que nada têm a ver com eles.

Portanto, consideramos que as escolas têm um papel importante na prevenção e contenção dessa problemática. Para isso é necessário que professores e diretores adotem novas atitudes. É preciso compreender a intenção dos alunos ao praticarem esses atos. É necessário buscar estratégias para minimizar a violência nas escolas e melhorar a aprendizagem desses alunos.

Para tanto, desenvolve-se o referente estudo adotando como estratégia a compreensão da violência homofóbica, contribuindo com o respeito mútuo, paz, justiça, solidariedade, cooperação e outros valores importantes para a vida em sociedade. Essa iniciativa se faz necessária devido ao contexto dos problemas que as escolas vêm sofrendo com os alunos vítimas desse tipo de violência e a falta de soluções para esses casos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de natureza qualitativa, conforme Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Preocupa-se, nas Ciências Sociais, com um nível de racionalidade que não pode ser quantificado. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, no espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Lançamos mão da entrevista por ser uma técnica apropriada para nosso estudo, conforme nos aponta Minayo (1994), é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Pois é através dela que o pesquisador busca obter as informações contidas na fala dos atores sociais, enquanto sujeitos objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo pesquisada. Onde podemos obter dados objetivos e subjetivos.

Neste sentido, usamos a entrevista semiestruturada, porque conforme Triviños (2012), este instrumento é um dos principais meios de coleta de dados na pesquisa qualitativa. Porque esta ao mesmo tempo em que valoriza a presença do

investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Utilizamos também a observação simples como técnica de coleta de dados, para complementar às entrevistas, pois segundo Minayo (1994), é através da observação que podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Informações estas que só podem ser captadas na interação social de forma espontânea.

Conforme nos aponta Triviños (2012), fizemos a observação livre porque satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa. Para esclarecer tal fato, Triviños (2012), nos dá o exemplo da relevância do sujeito nesse processo de observação livre, onde podemos captar a espontaneidade do observado e compreender as ações que são desenvolvidas no processo de interação social.

Nestes casos, seguindo os conselhos de Triviños (2012), fizemos as anotações de campo em um diário de campo. Para anotarmos as situações observadas, as explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação em estudo. Logo, com todas as observações e reflexões que realizamos sobre as expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevermo-las e faremos comentários críticos, em seguida sobre as mesmas.

Pois, Triviños (2012), nos reporta para importância das reflexões, sobre o desenvolvimento da observação. Haja vista que cada fato, cada comportamento, cada atitude, cada diálogo que se observa pode sugerir uma ideia, uma hipótese, a perspectiva de buscas diferentes, a necessidade de reformular futuras indagações, de colocar em relevo outras, de insistir em algumas peculiaridades, etc.

Para tanto usamos um diário de campo, nos orientando em Minayo (1994), usando-o como instrumento de anotação das observações feitas no cotidiano do ambiente escolar pesquisado. Onde colocaremos nossas percepções, angústias, dúvidas, questionamentos e informações que não são obtidas através de outras técnicas.

Para analisar os dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo, que consiste em um instrumento metodológico por meio do qual se busca entender o sentido de uma comunicação. Para tanto, procuramos identificar como acontece a violência homofóbica, as ênfases e os padrões presentes nas falas dos entrevistado-observados e depois organizaremos os depoimentos dos entrevistados em categorias (BARDIN, 1977).

Breve resumo da pesquisa de campo

No primeiro momento fizemos uma observação na Escola e analisaremos os as situações que podem caracterizar possíveis atitudes de violência homofóbica. Observaremos os alunos meninos e as meninas.

Depois conversamos com esses alunos, explicaremos nosso projeto e os convidaremos para responder nosso questionário. Para os alunos menores de idade entregamos o termo de consentimento e assentimento livre esclarecido para que seus responsáveis assinem e possamos aplicar os questionários conforme prevê as resoluções CNS 510/16 e 466/12 Do Comitê De Ética em Pesquisa.

Posteriormente, selecionamos os alunos para compor nossa amostra de pesquisa, onde trabalhamos com 11 alunos envolvidos com violência homofóbica. Assim, buscamos dar conta de responder nosso problema de pesquisa, conforme nos mostra Minayo (1994), toda investigação começa com um problema, uma questão, uma dúvida ou uma pergunta, articuladas a conhecimentos que já foram construídos anteriormente e que servem para construir novos conhecimentos.

Detalhamento da pesquisa de campo

A razão de termos escolhido a Escola Sônia Henriques Barretos como nossa unidade de análise se deve as suas peculiaridades, particularidade e contexto em que está inserida. É a primeira Escola do Município, iniciou suas atividades no dia 08 de Março de 1974, quando a área que hoje corresponde ao Município de Laranjal do Jarí chamava-se Vila do Beiradão, por localizar-se à margem do Rio Jarí. Inicialmente era Escola de 1º Grau Beiradão, totalmente sobre palafitas, tendo como primeira diretora a senhora Maria Lucimar Penha.

Cinco anos depois de sua criação, através do decreto nº 11, especificamente em 18 de Maio de 1979, a Escola Vila do Beiradão é renomeada e passa a chamar-se Escola de 1º Grau Professora Sônia Henriques Barreto, em homenagem a uma das mais antigas professoras leigas da região, e que muito contribuiu para a educação informal no Vale do Jarí, alfabetizando centenas de ribeirinhos da Vila do Beiradão e do Vale do Jarí como um todo.

Com a nova denominação, a escola passou a atender uma clientela bem maior de alunos. Em 1983 foi instituído o ensino de Pré-escolar, em 1988 foi implantado a Educação Especial e em 2004 conquistou o direito de oferecer o Ensino Médio para toda comunidade. No ano de 2008 a Escola é contemplada com um laboratório de informática para o Ensino Especial, em 2009 é implantado o laboratório de informática do ensino regular e expede o primeiro certificado de Ensino Médio.

Ressalta-se que a comunidade escolar é constituída basicamente por pessoas de baixa renda. Os pais dos educandos e alunos adultos têm como atividade de aquisição de renda trabalhos em empresas de silviculturas constituídas por empresas prestadoras de serviços à indústria de celulose e outra parcela da comunidade é formada por trabalhadores autônomos.

Então, muitas famílias são desestruturadas, sendo que muitos alunos vivem com os avós, pois os pais em muitos casos, quando não conseguem empregos locais, vão para outras cidades ou garimpos em busca de trabalho. Todos esses aspectos são interessantes para análise de nossa pesquisa sobre o fenômeno da violência Escolar.

Para realização da pesquisa de campo e obtenção das informações iremos esclarecer aos pesquisados nossas intenções e objetivos da referida pesquisa, onde estaremos disponibilizando e esclarecendo a eles um Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que se tornem conhecedores das reais aplicabilidades da pesquisa, numa atitude de respeito e consideração pelos atores envolvidos na pesquisa de campo.

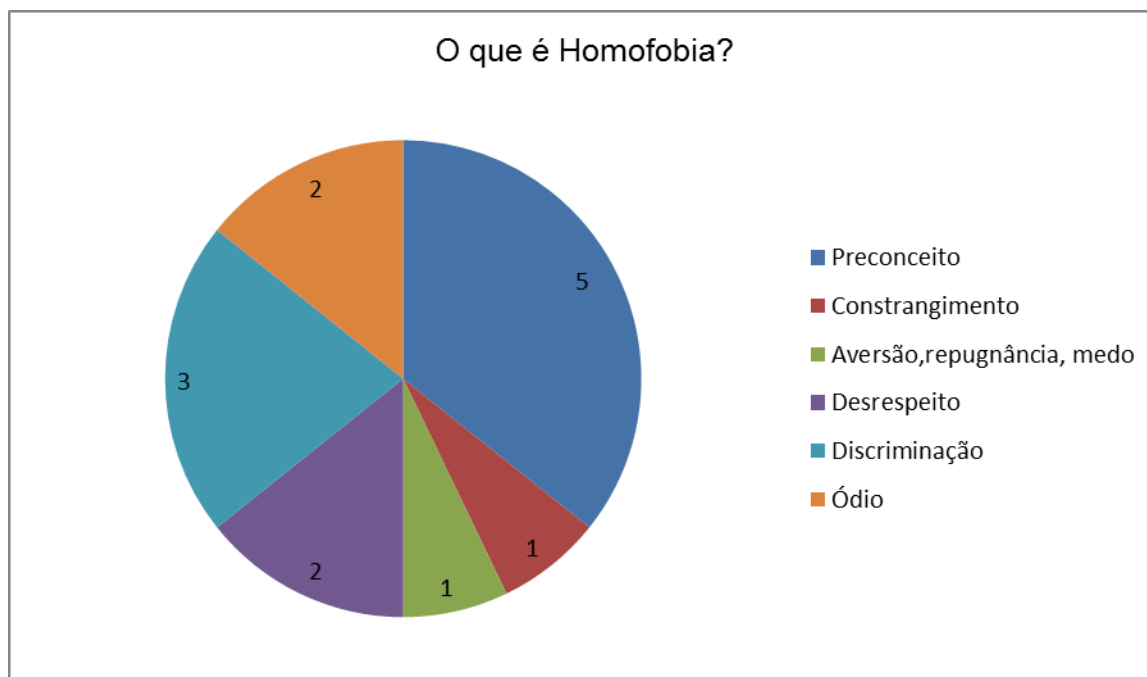
Conforme nos aponta Minayo (1994), é importante a apresentação da proposta de estudo aos grupos envolvidos, estabelecendo uma relação de troca. Pois os grupos devem ser conhecedores sobre aquilo que vamos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo.

Em relação às variáveis da pesquisa, de início trabalharemos com variáveis fundamentais, conforme nos expõem Triviños (2012), são aquelas variáveis que se referem aos caracteres básicos do que se investiga. Logo, como vamos trabalhar com alunos, usaremos a variável sexo e idade e etnia (vamos classificar os indivíduos da pesquisa em faixas etárias), para que possamos entender e explicar o contexto que influencia a prática da violência homofóbica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa foi aplicada na Escola Estadual De 1º e 2º Graus Prof.^a Sônia Henriques Barretos, situada na Rua Tancredo Neves 0447, Bairro Centro, Laranjal Do Jari/AP. O objetivo do trabalho é Estudar a prática da violência homofóbica na escola Sônia Henriques Barretos- Laranjal Do Jari-ap. Tendo em vista este objetivo foi elaborado e aplicado um questionário de 08 questões abertas sobre violência homofóbica. Este questionário foi aplicado a 11 alunos, sendo 7 meninos e 4 meninas. Desse total, 9 estudantes se declararam pardos, 1 branca e 1 morena.

Gráfico 1- Definição de Homofobia.



FONTE: Pesquisa de campo, 2017.

O gráfico 1 apresenta as categorias oriundas das respostas dos alunos à pergunta : O que é homofobia?, Donde se entende que do total de entrevistados a maioria afirmaram que homofobia é um preconceito (5), e a minoria responderam que é ódio aos homossexuais e causa constrangimento. Conforme nos aponta Borrillo (2015), o conceito de homofobia tem sido utilizado para fazer referência a um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, ódio ou medo) em relação às homossexualidades. Mas o conceito é muito mais amplo e complexo, pois a partir de meados dos anos 70, o conceito de homofobia ganhou notoriedade e considerável êxito e foi adquirindo novos contornos semânticos e políticos.

Para a segunda questão: Qual seu nível de instrução/estudo? Já estudou sobre homofobia? Relate. 7 alunos (as) cursam o 3ª ano do Ensino Médio, 2 o 1ª ano, 1 o 2ª ano e 1 8ª do Ensino Fundamental. Desse total, 8 alunos(as) responderam não, 1 não respondeu essa pergunta e 2 responderam sim e relataram que alguns alunos em sala de aula se sentiram mal ao discutirem esse assunto porque já sofreram a violência homofóbica.

Bourdieu (2008), nobre sociólogo francês com grande influência de Marx, Weber e Durkheim, assegura que é provavelmente por um efeito de inércia que continuamos tomando o sistema educacional como um fator de mobilidade social,

segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e confirma a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

Gráfico 2- Religião dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Do total de entrevistados, 4 responderam que sua religião respeitam, aceitam e não são contra a homossexualidade, 5 responderam que a religião tem preconceito, pois o homem foi feito para mulher e vice-versa e que os homossexuais não vão para o céu, vão para o inferno. (...) “Assim, se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação moral aparece como necessária, portanto, a consequência lógica vai exigir sua “purificação pelo fogo inquisitorial.” (BORRILLO, 2015, P. 16). E 2 alunos não responderam, deixaram o espaço da resposta em branco.

Neste sentido, nos alerta Borrillo (2015) que compreender o funcionamento da homofobia, sobretudo quando é evidente que o preconceito não só reside nos indivíduos, mas também se articula na cultura e nas instituições, é fundamental para aprimorar as formas de enfrentamento e desconstrução de suas práticas violentas e silenciosas.

Para a pergunta: Você já chamou alguém de “gay” ou “sapatão”? Por quê?. 8 alunos responderam sim e que fizeram isso como uma “brincadeira e 3 responderam não porque respeitam o direito de escolha de cada indivíduo. Desta forma, percebeu-se a prática frequente

da violência homofóbica pelos alunos da escola pesquisada. Como afirma Borrillo (2015):

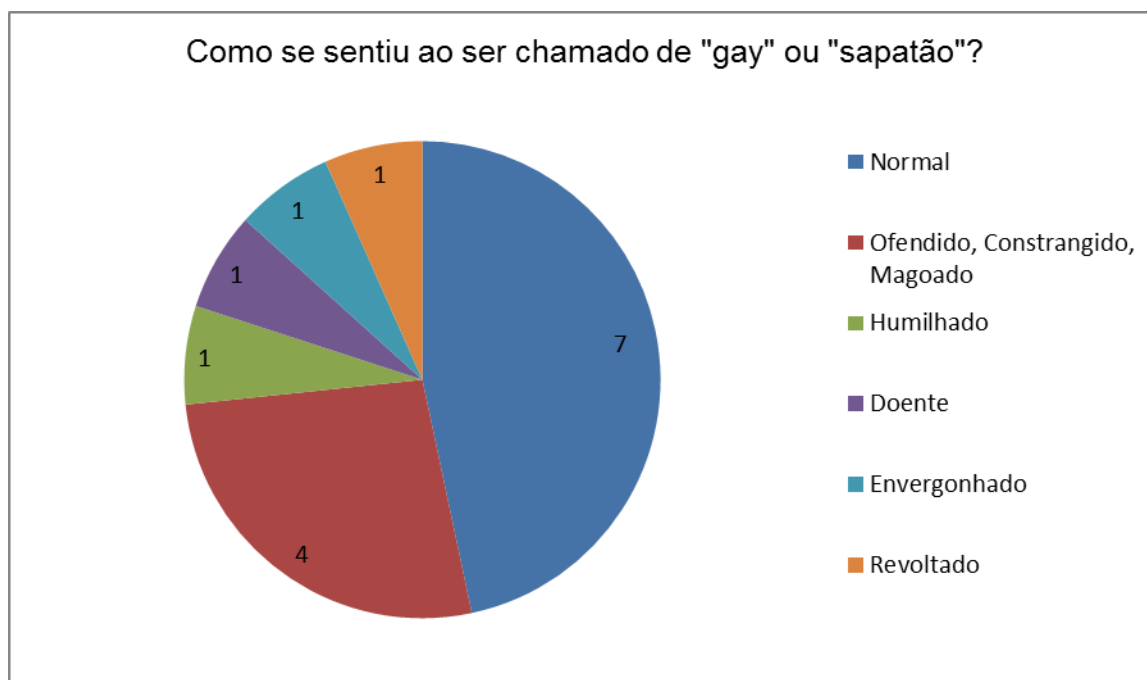
Independentemente de tratar-se de uma escolha de vida sexual ou de uma questão característica estrutural do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade deve ser considerada, de agora em diante, como uma forma de sexualidade tão legítima quanto a heterossexualidade. (BORRILLO, 2015, P. 14).

Prosseguindo com as respostas da questão 5: Você acha que o homem é melhor ou superior à mulher? Por quê? 9 entrevistados responderam não, porque todos são iguais. 1 respondeu sim porque o homem dá conta de sustentar uma família. E 1 disse que não sabe. Mas, quando os alunos (as) foram perguntados sobre quem era melhor condutor no trânsito, 6 (2 meninas e 4 meninos) responderam que são os homens, 4 (2 meninos e 2 meninas) responderam que são as mulheres e 1 (menino) respondeu que os dois, tanto homem quanto mulher são bons condutores.

Destaca-se que dos 6 alunos (2 meninas e 2 meninos) que responderam que o homem é melhor condutor no trânsito, na pergunta seguinte: Você é machista responderam “não” e apenas 1 (menino) afirmou que é machista porque às vezes algumas mulheres costumam entender algo e só servem para ficarem trancadas em casa, e apenas 2 não responderam a questão 6.

Na última pergunta: Você já foi chamado de “gay” ou “sapatão” algum vez? Como se sentiu? Como agiu? Por quê? Todos os 11 entrevistados responderam “sim”. Conforme expomos no gráfico 3.

Gráfico 3- Situação que ficou quando sofreu a violência Homofóbica.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

O gráfico 4 apresenta claramente as respostas dos entrevistados sobre como se sentiram ao serem chamados de “gays” ou “sapatão”. Neste contexto destaca-se, o aluno 9, o qual complementou sua resposta da seguinte forma: “ Sou chamado de gay, viadinho, bichinha, aberração, muita das vezes pelos meus familiares, eu me sinto como uma pessoa diferente, como se eu tivesse uma doença, por isso muita das vezes evito de sair de dia, e gosto de ficar isolado e ficar sozinho”. (17 anos, 2017). Conforme destaca Borrillo (2015)

(...) E se Le Petit Robert considera que um heterossexual é simplesmente o oposto de um homossexual, este é designado como profusão de vocábulos: gay, homófilo, pederasta, veado, salsinha, michê, boiola, bicha louca, tia, sandalhinha, investido, sodomita, travestí, lésbica, maria homem, homassa, hesmafródita, baitola, gilete, sapatão, bissexual.” (BORRILLO, 2015,P.15)

Destaca-se também que a maioria dos entrevistados (7) acham normal sofrer a violência homofóbica, pois se reagirem é pior e não adianta brigar. Pois a violência já se tornou banal e “normal” em nosso meio, e a maioria dos profissionais da educação não debruçam suas mentes para entender este fenômeno tão complexo, como nos mostra Debarbieux (2006, p. 269): [...] “A violência num local de aprendizagem da razão, a escola, é o contravalor tipo para os educadores, ela provoca-os na sua própria função, talvez até mesmo no seu próprio ser”.

Chauí (1994, p. 337) aponta que em nossa cultura, a violência é percebida como o uno da força física e do constrangimento psíquico. Assim, a autora afirma que “os valores éticos se oferecem, portanto, como expressão e garantia da nossa condição de sujeitos, proibindo moralmente que nos transformem em coisa” (p. 337). Desta forma, acreditamos que a escola pode desenvolver mecanismos para coibir, conter e minimizar os atos de violência e indisciplina em seu ambiente.

Nesta perspectiva, precisamos vislumbrar a escola não apenas como um lugar em que se ensinam conhecimentos e transmite conteúdos, mas também onde se aprende a viver com os outros e a respeitá-los, onde os alunos possam discutir seus problemas e compreender a necessidade das regras como algo que organiza as relações e auxilia a convivência. A escola deve incentivar a sensibilidade ética, mais do que transmitir apenas normas e princípios de conduta.

Converte-se em um âmbito de reflexão individual e cotidiana que permita elaborar racional e automaticamente princípios gerais de valor, princípios que ajudem a defrontar-se criticamente com a realidade como a violência, a tortura e a guerra. [...] ajudar a analisar criticamente a realidade cotidiana e as normas sócio-morais vigentes, de modo que contribua para idealizar formas

mais justas e adequadas de convivência. [...] Formar hábitos de convivência que reforcem valores como a justiça, a solidariedade, a cooperação ou o cuidado com os demais (PUIG, 1998, p. 16).

Para tanto precisamos ser sujeitos éticos e morais, onde possamos reconhecer o outro como sujeito que merece respeito. Para isso, precisamos ter construído em nosso seio familiar um conjunto de valores que nos favorece, do contrário a escola precisa doar para o aluno essa construção de valores éticos e morais.

Durkheim (s/d) ainda afirma para que seja possível aplicar as transformações e reflexões do sistema educativo precisamos ter conhecimento de causa, a ação que convêm. Somos influenciados por algumas das grandes ideologias sociais, pois se a sociedade tivesse como ponto de partida o individualismo à educação teria consequentemente um apreço comum. Precisamos conhecer a sociedade, suas transformações, suas necessidades, suas evoluções, suas falhas, acertos e gerações e com ela e sobre ela que vamos buscar suprir nossas precisões intelectuais e sociais.

CONCLUSÕES

Dado o exposto, entende-se que o fenômeno da violência é amplo, histórico, cultural, complexo e envolve várias dimensões, dentre elas, a violência homofóbica, praticada contra pessoas que não se enquadram no modelo social padrão de sexualidade, a heterossexualidade. Desta forma, qualquer ser humano que não se enquadra no “jeito” aceitável de ser “homem” e “mulher”, tendem à sofrer a violência homofóbica.

Deste modo, entendemos que não é mais possível camuflar as realidades sociais com ideologias midiáticas e discursos políticos, deixando de lado as injustiças sociais, a exploração e a degradação humana dos que sofrem as consequências das contradições históricas. “Sugerindo metodologias de investigação criativas e úteis aos Sociólogos que sabe não ser possível lidar com certas dimensões da vida social sem reconhecer, interpretar e devassar o bloqueio do aparente.” (MARTINS, 2008, P. 137.)

Conforme constatado na pesquisa de campo, a prática da violência homofóbica se faz presente dentro do recinto escolar. Corroborando nossas hipótese de investigação, quando se confirma que a violência homofóbica é motivada pela ignorância dos alunos, uma falta de compreensão ampla sobre o fenômeno, uma vez que a Escola não insere este conteúdo nos seus currículos,. O machismo é outro agravante na prática da violência homofóbica, as convicções religiosas cristãs baseadas na bíblia sagrada reforçam a ideia que a homossexualidade não é aprovada por Deus.

Neste contexto, a violência homofóbica se naturalizou no espaço escolar e disfarçado em forma de “brincadeiras”. Conforme nos apontou os entrevistados, quando 7 alunos (a) afirmaram que acham normal serem chamados de “gays” e “sapatão”, pois não adianta brigar. Enquanto 4 alunos(a) se sentem ofendidos, constrangidos e magoados, e 3 se sentem humilhados, envergonhados e revoltados, e o mais grave de todos, 1 alunos afirmou que se sente doente, devido ouvir isso repetidas vezes de seus familiares e da igreja.

Por isso expomos nosso olhar e nosso projeto de denúncia e intervenção, para dar visibilidade à essa problemática velada no interior da escola e ofertar nossa contribuição para subsidiar as instituições responsáveis do poder público no que tange a implementação de Políticas Públicas que venham minimizar a violência homofóbica

Pois, Acreditamos que as escolas, através do investimento em estratégias de ensino que valorizem o diálogo, o respeito, a solidariedade, e a corresponder habilidades de todos os envolvidos no cotidiano escolar, podem proporcionar mudanças de comportamentos, de valor e tornar o ambiente escolar mais harmônico e proporcionar a socialização e construção de saber. Assim como, auxiliar, formar sujeitos autônomos e capazes de defrontar-se com a violência homofóbica presente na escola, e buscar formas mais justas e aceitáveis de convivência com os outros.

A ideia é viabilizar estratégias coletivas para o enfrentamento da violência homofóbica, pois todos somos sujeitos de direitos e sujeitos políticos no processo de constituição de uma sociedade democrática. Onde todos possam ter direitos e liberdade de participar da vida e da construção de uma sociedade para todos e para todas.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. (Tradução de Guilherme João De Freitas Teixeira). 1 ed. 2 reimp- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. – (Ensaio Geral, 1).

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro. 10. Ed, Vozes, 2008.

CHAUÍ, M. **Convite á Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Lisboa. 5. Ed. Edições melhoramentos. S/d.

MARTINS, José De Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e história na Modernidade Anômala**. 2. Ed.. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (coord). **Pesquisa social – teoria métodos e criatividade.**
Petrópolis: Vozes, 1994.

PUIG; J.M. **A Construção da personalidade Moral.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa
qualitativa em educação. 1 ed.-21.reimpr.- São Paulo: Atlas,2012.